

AS PALAVRAS COMO MEIO DE CONSTRUIR REALIDADES:

O problema de falar de Israel e Palestina sem palavras

Prof. Me. Cídio Lopes de Almeida
Doutorando Faculdade Unida de Vitória
Bolsista FAPES

ALMEIDA, Cídio Lopes. As palavras como meio de construir realidade: O problema de falar de Israel e Palestina sem palavra. São Paulo: AMF3 Escola de Filosofia. 2023. Disponível em: <https://amf3.com.br/as-palavras-como-meio-de-construir-realidades> . Acesso em: (dd/mm/aaaa/)

Resumo

A crônica/ensaio objetiva desenvolver uma breve reflexão sobre as palavras e a construção da realidade ou do sentido de mundo. Insere no contexto das minhas pesquisas sobre filosofia de vida, enquanto exercício existencial e que passa pelo processo de criação poética do existir. Poesia no sentido lá da Grécia Antiga, de Aristóteles em sua Poética. Existência no sentido de viver segundo um sentido para a vida, portanto, uma filosofia de vida. Considera-se como hipótese/tese que há um problema nas palavras, há uma falta de palavras. E por isto há uma interdição, das pessoas em geral e dos adeptos das sociabilidades filosóficas como a Maçonaria, em poder cultivar nos seus circuitos de manufaturas simbólicas certas dimensões de realidade. Se falta palavra, não tem como discorrer sobre certos temas, e portanto certas realidades. Nosso método foi recolher evidências a partir de leituras de textos de jornais e do acompanhamento de mensagens de grupos de *Whatsapp*.

Um tema quente: Israel e Palestina

O primeiro e mais gritante tema ao se falar de Israel e Palestina tem sido a falta de palavras para tratar do tema ou a falta de conhecimento sobre o assunto. Porém, esta falta não é só sobre este tema, mas é uma escassez no geral. Ainda estudante de graduação, filosofia, lembro de ter contato com a obra *O Retrato de Dorian Gray* (1890), Oscar Wilde (1854 – 1900), e uma aparente brincadeira em que se dizia que um Rei, de um reino fictício, retirava uma palavra por dia dos falantes de seu reino, para fins de domina-los.

Passado um bom tempo e como professor de filosofia, a aparente brincadeira da literatura é a coisa mais fundamental, não só para a dinâmica do magistério, mas sobretudo para esfera da política geral e da política cotidiana das pessoas. Sem falar da dinâmica entre os adeptos da Maçonaria que ao ser privada de erudição acaba por ser uma caixa de eco das pautas midiáticas.

Para exemplificar o que seja esta falta de palavras, uma cena corrente entre nós brasileiros tem sido chamar alguém de comunista ou de fascista. Contudo, em uma análise básica, notaremos que estas palavras não denotam o que desejam explicitar. Chamar alguém de comunista é uma ofensa. Acaso fosse convidado a explicar quem assim chama outra pessoa,

rapidamente veríamos que sua descrição consiste numa lista de coisas ruins atribuídas ao alvo da crítica e pouco ou nada de contato teria com o que é este modelo de organização social. O mesmo se aplica ao fascismo, ainda que se possa identificar falas criminosas deste ou daquele político, dizeres que exaltam “torturadores” de períodos governamental ditatorial, não poderíamos aplicar que isto é aquilo lá do passado. As falas na vaga da política aglutinadas na palavra *bolsonarismo* tem barbaridades, porém, daí saltar para fascismo, como aquele modelo social que se desenvolveu na Itália dos anos 20 e 30 do século passado, consiste num erro de dizer a coisa. Neste caso teríamos que construir uma nova categoria para o fato. Em termos sociais não é bem assim, a comparação histórica nestes termos costuma ser o mais utilizado, e não há uma preocupação científica se é ou não é.

Este processo em que as palavras com a intenção de dizer sobre algo, mas que lhe falta uma precisão, pode ser verificado em todo espectro político. Como mais um exemplo, chamar o MST de “comunista” é não compreender que este movimento social demanda direitos sociais expressos na própria Constituição, e em lugar algum são eles defensores de uma Nova Ordem Social, que visaria suplantam a Constituição.

Para retomar o tema sobre do aparecimento nesta semana de mais um conflito bélico entre Israel e Palestina, o problema anterior a ser abordado é esta falta de palavras. Um segundo problema é que movido por uma pressa, por uma urgência do novo, não se percebe a ausência de palavras e não se tem interesse em adquirir tais palavra. É um cenário que se aplica a outros temas, mas sempre fica evidente nestes de emergência e que implicam as questões humanitárias. Assim, recente tivemos o tema Ucrânia e agora Israel-Palestina. A grande questão é que por escassez de palavras de nada adianta fazer aparentes debates. A realidade escapa por completo desta empreitada, não se consegue ter proveito para uma vida social cidadã. Os exaltados debates sobre Israel e Palestina torna-se apenas momentos de micro beligerância e erosão de um espaço público saudável e democrático. Veremos apenas certos valores pautados pelas mídias sendo tomados com seus, e cada um a trabalhar para sustentar valores que simplesmente não sabem como foram construídos.

De um simplismo e com poucas palavras notamos que as pessoas procuram dizer sobre todo tipo de tema, o que é algo plausível, pois enquanto seres de linguagem, este é o processo humano por excelência. Ademais, a questão particular de nossos dias é que este exercício experimental de dizer e fazer a realidade, tem nas chamadas redes sociais uma possibilidade jamais vista. Um emissor consegue disseminar falas/palavras sem saber o que realmente está passando adiante. Aliás, a falsa notícia (fake-news) impõe às disciplinas das Humanidades

(sociologia, filosofia, antropologia, educação, política, ciências das religiões, etc) um desafio a mais. Como falar e fazer ciência neste fluxo comunicativo?

A concorrência do cientista é falar em pé de igualdade dos que faltam palavras. Infelizmente tem sido corriqueiro as pessoas falarem sobre educação, mas com zero experiência e formação neste campo, sem falar sobre o tema da política ou da religião. O paradoxo nos dois exemplos é que as pessoas mesmo não sendo profissionais, falam sobre o assunto na codição ora de cidadão, ora como estudante. O que é um importante lugar de fala.

Seja como estudante ou com os filhos na escola ou ainda como cidadão que vota, as pessoas fazem parte do fenômeno e de certo modo experimenta a questão. Este tipo de participação e lugar de falar da coisa encaminha para uma pergunta. Acaso ter um corpo nos permitiriam falar de saúde? Aparentemente não, socialmente foi construído o lugar no qual é o médico(a) que pode falar, mesmo que eu tenha um corpo. Creio que na política, considerando a ideia de cidadania, o caminho não seria diferente, não há lugar para uma interdição da fala do cidadão na esfera pública. Não estamos a defender a República de Platão, na qual só os sábios governavam. No contexto das democracias modernas, há variados caminhos que nos leva a defender o Estado Democrático de Direito, como um modelo que mais garante as liberdades individuais e comunitárias. A fala do cidadão na esfera pública, mesmo sem palavras, ainda é preferível do que o cerceamento da palavra.

Voltando sobre esta falta de palavras, um interlocutor imaginário pode acertadamente dizer que não conseguimos ser especialista em tudo. Outros ainda podem dizer, já irritado, que este papo é de comunista, pelo que já expressa um traço antidemocrático, pois o pensar reflexivo em tela é inerente às bases da democracia. E ele se faz levantando questões, hipóteses, rascunhos e todos assegurando no contexto de respeito à dignidade da vida humana.

De certo modo esta conversa sobre as palavras se inserem na perca de sentido das Humanidades porque estamos passando socialmente. Procurar conhecer novas palavras, dedicar tempo à literatura universal, à filosofia, tem perdido lugar para as coisas úteis. Os instrumentos técnicos capazes de nos permitir interferir na realidade material dos objetos tem ganhado destaque já faz tempo. Consumismo e capitalismo tendem a explorar aspectos mais impulsivos das pessoas. A mercadoria ocupa todo o horizonte de sentido das pessoas, e o tempo, a paciência, a transparência, acabam por produzir irritação nos adeptos desta ideologia.

E por esta perspectiva algo mais grave ocorre que é as pessoas não estarem dispostas a terem novas palavras. Elas se sentem confortáveis em usar as poucas que ainda tem para dizer sobre quase tudo. Como professor caminhamos noutra direção, oferecemos novas palavras. Alertamos que é necessário criar palavras novas, que não é possível “fazer-se poesia”

(Agostinho da Silva) sem novas palavras. E que este ambiente de criação, que é uma prática poética, passa pelo respeito às outras pessoas, o valor da dignidade da vida, a paciência, a escuta do outro, a leitura da literatura universal.

Nesta resenha/ensaio concluímos com o fato de consideramos como hipótese haver pessoas sem palavras, mas que falam sobre tudo, em especial em temas relevantes para vida comum. E com acesso e capacidade de fazer tais ideias chegarem à grande número de pessoas. Por isto, como falar de qualquer que seja o tema neste quadro? Parece que não vamos a lugar algum, apenas vamos recolar visões pré-concebidas. Sem avançar, nossos juízos serão precários, quando não “pré-juízos”, isto é, juízos equivocados sobre os temas. Portanto, de nada vale querermos debater sobre Israel e Palestina, pois a poucos dias os debates sobre Rússia e Ucrânia mobilizavam os mesmos circuitos comunicativos e a mesma escassez de palavras se mostravam. Não se fala dos temas, projeta-se certas teses/ visões de mundo que já trazemos conosco e pretendemos permanecer nelas. Sem dúvidas a poesia é urgente em nossos dias. Criar novas palavras e criar novas realidades.